

PARKER BILAL

SOMBRAS SOBRE O CAIRO

Tradução de José Vieira de Lima

Vê como o pequeno crocodilo
alinda a cauda brilhante,
molhando com as águas do Nilo
as suas escamas douradas!
Com que alegria parece oferecer um risinho
e que bem as garras estende
dando as boas-vindas a cada peixinho
com a bocarra delicada e sorridente!

Lewis Carroll

Deixai que o chamador e o chamado desapareçam;
Que se percam ambos no chamamento

Jalal al-Din Rumi

Prólogo

Cairo, 1981

A luz forte atingiu-a em cheio nos olhos e, por um instante, ficou cega, como que vencida por uma maldição antiquíssima. Liz Markham encheu-se de forças, completamente bloqueada pela massa humana que tinha de enfrentar. Com o coração a martelar desenfreado, desatou a correr. A sua filha estava algures, perdida naquela loucura.

Tropeçou. Atrás dela, ouviu alguém proferir um comentário que não compreendeu. Várias pessoas riram-se. Fugindo dos olhos que pareciam fixar-se nela, caindo sobre ela vindos de todos os cantos, continuou a correr. Olhando para trás, convicta de que vinha alguém a persegui-la, afastou-se do hotel, arremetendo impacientemente pelo meio da multidão de turistas e de rapazes que serviam chá, empurrando tudo, deitando abaixo mesas, fazendo voar copos e bandejas, ouvindo gritos de espanto e pragas. Mas a ela tanto lhe fazia. A única coisa que a preocupava nesse momento era Alice.

Em que ponto é que tudo falhara? A vida dela, esta viagem? Tudo o que acontecera desde a sua chegada ao Cairo revelara-se afinal completamente diferente do que esperara. Desde o instante em que saíra do avião e levara em cheio com o calor opressivo do Cairo, as roupas instantaneamente coladas às costas. Por amor de Deus, estavam em fins de setembro, mas parecia meados de julho numa Espanha cheia de sol. Na altura, parecera-lhe uma ótima ideia: deixar Londres, com todos os seus cansativos hábitos e velhos cúmplices. Uma hipótese de se purificar, de começar uma nova vida. Mas o que é que ela sabia acerca dele, de facto? Quando conheceu o pai de

Alice, ele era apenas um daqueles jovens indolentes que passavam o seu tempo junto às lojas do bazar, vendendo bugigangas – ou pelo menos fora isso que lhe parecera. Ele e o amigo tinham resolvido ir atrás delas – dela e de Sylvia. Chamavam por elas. De início, era irritante, mas, depois, tornou-se um jogo, um desafio. E Sylvia estava sempre aberta a desafios. E onde é que ela estava agora? Desaparecera. Varrida do mapa no urgente clamor azul de uma ambulância que a conduziu ao beco sem saída de um corredor frio e impessoal das urgências de um hospital. Liz sabia que não queria acabar assim.

Ele era tão encantador, e tão seguro de si... Durante três semanas, tinham formado um casal inseparável. E as coisas deviam ter ficado por aí, mas não ficaram. Liz não tivera cuidado. E alguma vez tivera? Toda a sua vida fora marcada por impulsos no mínimo imprudentes. Lembrava-se de como ele a conduzira pela cidade, de como todas as portas se abriam diante deles. Gostava disso. Era como se ela fosse alguém, como se eles fossem importantes. Entravam num café ou num restaurante cheios de gente e os criados arranjavam-lhes imediatamente uma mesa. As pessoas baixavam as cabeças em sinal de respeito. Ele também tinha um acesso fácil, muito fácil mesmo, às drogas, e, naqueles tempos, isso era algo a ter em conta. Não estava previsto que durasse. Tudo isso se passara cinco anos antes. Não estava previsto que aqueles dias mudassem a sua vida, mas mudaram.

Quando regressou a Inglaterra e descobriu que estava grávida, Liz pôs alguma ordem na sua vida pela primeira vez há anos. Nem uma gota de álcool, heroína nem vê-la. Uma vida limpa. Vira já horrores bastantes – crianças nascidas sem dedos – para saber que não queria correr tal risco. Não durou muito tempo, mas sempre foi qualquer coisa. Um princípio, uma prova de que, se quisesse, conseguiria vencer as dependências. Alice fora a melhor coisa que lhe acontecera. Liz sabia que valia a pena, que, apesar das dificuldades de cuidar de uma criança pequena – as birras, as exigências constantes –, que, apesar de tudo isso, Alice fizera com que a sua mãe quisesse ser uma pessoa melhor. Porém, em Londres, nunca o conseguiria: demasiadas tentações, demasiadas portas abertas. Até que lhe ocorreu uma saída, uma janela aberta na escuridão. O Cairo.

Uma nova vida. Porque não? «Sempre que precisares de alguma coisa, Liz, vens ter comigo», dissera-lhe ele.

À volta dela, por todo o lado, rodopiavam aquelas pequenas figuras... Reis macacos e deuses com a forma de cães, babuínos, crocodilos e pássaros, todos esculpidos em pedra verde ou em obsidiana. Uma montra a abarrotar de joias, cruces de prata – *ankh*, o símbolo da vida. Pirâmides miniaturais – algumas tão grandes que não conseguíamos erguê-las com ambas as mãos e outras tão pequenas que podiam ser usadas como brincos. Escaravelhos turquesa. Uma montra cheia de tabuleiros de xadrez. Madrepérola de um azul prateado, disparando setas de uma luz faiscante. Uma desvairada feira de diversões...

– Alice!

Liz continuou a correr, a mente num turbilhão. Virou-se e chocou contra uma mulher que equilibrava uma torre de jarros de estanho na cabeça. Rodopiou. Nada do que via correspondia ao que tinha na memória. As ruas, o ruído, os homens que sorriam com um ar de escárnio. Parecia um país diferente. Estivera assim tão cega cinco anos antes? Tão passada que a sua cabeça não registara a verdadeira realidade? Na sua memória, o bazar era como uma gruta de Aladino, cheia de reluzentes maravilhas. Agora, tudo o que via era uma sucessão de bugigangas baratas, artefactos produzidos desajeitadamente com o único objetivo de seduzirem o olhar do turista. Para iludir a alma e não para a satisfazer. Aquele sítio deixava-a literalmente doente. De início, pensara que devia ter comido qualquer coisa que lhe caíra mal porque passara a primeira noite curvada sobre a sanita. Mas não era a comida, evidentemente, eram as drogas, ou a falta delas. Sintomas de privação. Era a primeira vez que estava realmente limpa desde o nascimento de Alice. Passara um tempo sem fim na cama, febril e fraca, mas determinada a seguir em frente, a menina a puxar-lhe constantemente pelo braço.

Agora, no Cairo, encontrara reações amáveis apenas no modo caloroso como as pessoas tratavam a sua filha. Era como se reconhecessem algo nela, como se soubessem que Alice era também filha daquela cidade. Para onde quer que fossem, as pessoas sorriam para a menina de cabelo dourado. Mulheres, velhas e jovens,

cacarejavam de alegria e beliscavam-lhe as faces e puxavam-lhe pelos totós do cabelo. Homens imitavam com as mãos pássaros que mergulhavam em torno da cabeça de Alice, e esta, deliciada, ria-se perdidamente. Havia em Alice uma novidade, algo nunca visto. Era nesses momentos que Liz dizia a si mesma que tudo iria correr bem. Mas havia outros momentos: quando a ansiedade a deixava sem sono e a fazia andar de um lado para o outro no quarto, e não parava de arranhar os braços e levava as mãos como garras à garganta, lutando por respirar naquele ar opressivo enquanto o grito de mais um chamamento à oração ecoava na praça. Momentos em que pensava que a sua missão era impossível. Nunca o encontraria. Ou, mesmo que o encontrasse, o que é que aconteceria? Começava a sentir que havia um limite para o tempo em que conseguiria persistir com a busca. Alice mostrava-se impaciente com ela. Como se se apercesse de que a mãe estava longe, numa espécie de limbo. Sempre a fazer perguntas, recusando-se a andar, pedindo-lhe que a levasse ao colo, agarrando-se a ela, obrigando-a a arrastar-se como um peso morto.

Até que, na tarde do dia anterior, um homem fora ter com ela sem a menor hesitação. Tê-la-ia seguido? «Eu ajudo, senhora.» Conduziu-a por uma porta estreita que dava para salas obscuras. Setas de luz entravam por finas faixas abertas no alto das paredes, reverberando no bronze polido e nos espelhos deslustrados. Na sala, havia apenas um homem, sentado junto à parede do fundo. O seu rosto, uma massa cheia, adiposa, fez-lhe lembrar uma rã-touro que dissecara uma vez no laboratório de biologia da escola. Os olhos dele eram como duros cravos pretos, quase perdidos no rosto inchado. Tinha o cabelo alisado para trás com óleo aromático. Aliás, desprendia-se de todo o seu corpo um ar aromático, como se ele fosse um antigo rei oriental. Na mesa em frente dele, havia uma pilha de tangerinas numa enorme bandeja redonda de bronze trabalhado, como o disco de Rá, o deus do Sol, quando viaja para oeste ao longo do céu.

Não poderia ser um sítio tão grande, mas, na cabeça dela, a distância entre a porta e o canto onde ele estava sentado, à espera, estendia-se como o infinito, como se ela estivesse a encolher e a sala

a aumentar de tamanho mesmo quando caminhava. Havia algum movimento ajeitando através das sombras atrás dele. Dois brutamontes estavam plantados junto a um balcão à esquerda. Tinham um ar perigoso, mas Lucy conhecia o tipo e não se sentia particularmente receosa. Viu-se no espelho por cima da sua cabeça, e, apesar da fraca luz, deu-se conta de que estava com um aspeto terrível. O cabelo caía-lhe sem vida, o rosto coberto por uma película de suor e de fuligem das ruas, aquela fuligem que, todas as noites, deixava negras as toalhas do hotel. Os olhos anelados de vermelho e inchados como ovos. O homem acenou-lhe para que se sentasse e foi o que ela fez. Alice encostou-se à mãe. O horrendo rosto do homem vincou-se num sorriso que lhe deixou o sangue a ferver.

– Olá, menina – disse ele em inglês, estendendo uma mão na direção da filha de Liz, os dedos como tâmaras gordas. Alice recuou, comprimindo-se ainda mais contra a mãe. O sorriso esbateu-se. Os dedos recuaram. Os olhos negros viraram-se para Liz.

– Diga-me uma coisa: porque é que quer tanto encontrar esse homem?

– Conhece-o?

– Sim, claro que conheço. Ele é... um associado.

O inglês dele não era mau. O que não seria propriamente surpreendente. No Khan al-Khalili, toda a gente sabia pelo menos uma língua estrangeira. Era uma verdadeira Torre de Babel.

– Associado? – repetiu Liz, ao mesmo tempo que pensava que era uma palavra estranha para ser usada numa conversa. – Onde é que posso encontrá-lo?

– Ele trabalha para mim. Ou melhor, trabalhava... Agora... agora tem o seu próprio negócio.

Mostrou os dentes naquilo que, noutras condições, poderia ter sido um sorriso, e Liz sentiu um arrepio gelado a percorrê-la de cima a baixo. Olhando-a fixamente nos olhos enquanto o sorriso se esbatia, tirou uma tangerina da pilha e deu-a à menina. Quando ela começou a comer, chupando toda satisfeita os pequenos gomos, Liz sentiu-se mal pelo facto de a filha confiar tão facilmente num estranho que tinham acabado de conhecer.

– Não é a primeira vez que visita o Egito?

Liz abanou a cabeça, sentindo os olhos dele a escutiná-la, demorando-se nas unhas dela, roídas até ao sabugo. Na fome pura, crua, do olhar dela, no desespero que ela não conseguia esconder. Estava a chegar ao fim dos seus parcos fundos. A sua paciência estava a chegar também ao fim. Fazia das tripas coração. E, depois, havia Alice, com os seus constantes pedidos de atenção, de segurança, da tranquilidade que Liz não podia dar-lhe. Tanto lhe fazia quem a ajudasse a encontrá-lo, desde que a ajudassem. Os olhos escuros, encovados, encontraram-se com os dela.

– Ele é o pai dessa menina?

Liz hesitou, sentindo que qualquer informação que desse àquele homem a deixaria ainda mais nas suas mãos, mas não tinha alternativa. Para o aliciar a ajudá-la, tinha de confiar nele. Acenou que sim.

– Ah. – O homem recostou-se. – Nesse caso, é uma criança muito valiosa.

– Valiosa? – Liz colocou um braço protetor em torno dos ombros de Alice. – Não compreendo.

– Você não confia em mim – disse ele com um sorriso. Não era uma pergunta e ela detetou o aço que havia sob a voz dele.

– Eu não o conheço. – Não queria ofendê-lo, mas, nesse momento, Liz mal conseguia respirar. Começava a sentir que cometera um erro tremendo ao ter ido ali.

– O que é que há para conhecer? Eu sou um homem de gostos simples. Pergunte a quem quiser. – Pegou noutra tangerina e abriu-a em segmentos. Ela observou-o, incapaz de o impedir de dar a tangerina à filha; querendo, mais do que tudo, ir-se embora dali, mas vendo-se impossibilitada de o fazer.

– Para que é que veio ter comigo? – Os olhos encovados ergueram-se, apanhando-a desprevenida. – Se precisa de dinheiro, tudo o que tem a fazer é dizer-me. – De novo o sorriso arreganhado. – As pessoas vêm ter comigo o tempo todo porque sabem que eu as posso ajudar.

– Não é dinheiro.

– Não? Então é outra coisa?

Sem mais nem menos, o homem pegou no pulso dela e segurou-o firmemente, quase sem esforço. Ela lutou para se libertar,

mas não conseguia mover-se. Com facilidade, ele ergueu a manga comprida da blusa dela para lá do cotovelo. Uns olhos implacáveis procuravam sinais reveladores. Ela debatia-se desamparadamente. Quando ficou satisfeito, o homem largou-a. Liz desatou a massajar o pulso magoado. Um segmento de tangerina caiu da boca de Alice, que observava a cena em silêncio, os olhos muito abertos. Deslizou logo para o colo da mãe.

– Não tem o direito... – começou Liz, esforçando-se por controlar a voz. Era um gesto fútil, mas ele inclinou a cabeça com um ar compreensivo.

– Estamos no Cairo. Toda a gente conhece a vida de toda a gente. – Com um gesto largo, o homem abarcou tudo o que os rodeava. Era verdade. A vida, no Cairo, era vivida nas ruas. A treliça de madeira que se punha nas janelas que davam para a rua: dessas janelas, via-se tudo o que se passava na rua; mas o transeunte não via nada do que se passava na casa. E os véus que cobriam os rostos de algumas das mulheres nas ruas? Liz sentia que os olhos daquelas mulheres queimavam como tições através das suas roupas leves. Compreendia agora essa obsessão com o secretismo, o valor de preservar um espaço privado.

– Ela é minha filha – murmurou Liz com uma voz rouca.

– Mas é claro...

– Quero o melhor para ela.

– Nada de mais natural... – O homem inclinou a cabeça.

Então, Liz conseguiu dizer-lhe que, se não se importava, tinha de ir andando. Puxou Alice para os seus braços e fugiu. Um pouco depois, ouviu baterem à porta do quarto do hotel. Era tarde; tinha cochilado e levantou-se da cama meio a dormir. Abriu um nada a porta para espreitar o corredor e deparou com um jovem – não teria mais de doze anos. Possuía um olhar penetrante e inteligente, não obstante o seu aspeto sujo e uma orelha inchada e disforme. Olharam um para o outro fixamente durante alguns segundos que a Liz pareceram horas.

– Sim? O que é que quer? – perguntou Liz.

Sem uma palavra, ele entregou-lhe um envelope. Grosso, pesado. Liz virou-o. Não tinha nada escrito. Nenhum nome, nenhuma

morada. Nada. Quando ergueu os olhos, o rapaz já tinha desaparecido.

Alice continuava a dormir tranquilamente, o cabelo colado à testa por causa do suor. Liz sentou-se na cama e abriu o sobrescrito. Lá dentro, um maço de notas. Dólares. Muitas notas. Tantas que ela não era capaz de contá-las. Folheou-as rapidamente – havia notas de cinquenta, de cem, de dez, de vinte, sem o menor sentido de ordem. E havia algo mais, algo que se movia no fundo do envelope. Atirou o dinheiro para cima da cama e deitou o resto do conteúdo na palma da mão. Uma pequena embalagem de papel. Liz olhou-a fixamente. Sabia o que era. Era aquilo de que queria libertar-se, a razão por que partira para o Cairo. Mas queria mesmo libertar-se daquilo? O seu primeiro instinto foi deitar fora o pacote. Nem penses nisso, Liz. Atira-o para a sanita e puxa o autoclismo. E, com essa intenção, levantou-se e foi até à casa de banho. Fechou a porta e encostou-se a ela, o pacote esmagado entre os dedos. Tudo o que tinha a fazer era viver um dia de cada vez... Mas estava cansada. Cansada das dores nos membros, da dor surda atrás dos olhos. Cansada de não dormir, de não parar...

Baixou a tampa da sanita, sentou-se e abriu o pacotinho. Fitou o conteúdo e sentiu o pulso a acelerar. Mergulhou um dedo e levou-o à língua. Ainda houve um momento de hesitação no qual viu o caminho para a ruína à sua frente naquele fio castanho. Então, o desespero envolveu-a como uma espessa carpete de nuvem tapando o sol. Não havia alternativa. Ajoelhou-se no chão, deitou a heroína na tampa da sanita e usou a ponta do papel para a dividir em linhas estreitas. Fez do papel um estreito tubo, enfiou-o na narina esquerda e baixou a cabeça. Era como mergulhar num banho quente. Sentiu-se leve e livre enquanto deslizava para o chão e contra a parede. O tempo parou. Alguém cortara a linha de segurança e ela via agora o mundo azul flutuando rumo ao negro vazio.

Quando abriu os olhos, deu-se conta de que havia luz na rua. Sentia-se zozna, atordoada. Levantou-se com dificuldade e os seus olhos fixaram-se no papel vazio que estava no chão ao pé dela. Afastou-o enquanto lutava com o puxador da porta. A primeira coisa em que reparou foi no dinheiro em cima da cama. No exato

sítio onde o deixara. A segunda coisa foi na ausência de Alice. Não havia sinal da sua filha em sítio nenhum.

Foi ver às janelas, ao roupeiro, debaixo da cama. Cada escolha oferecia um raio de esperança fugaz e absurdo antes da inevitável conclusão. Depois, desatou a correr. Ao longo de corredores, descendo escadas, através das estreitas artérias do bazar. Corria incrédula, em estado de choque, narcotizada, gritando o nome da filha. Alice. Correu até cair. Nessa altura, também ela se tinha já perdido; delirava, via-se refletida em fragmentos, dividida em faixas por cacos de vidro espelhado, por lascas de metal brilhante. Homens ociosos, encostados às portas, gritavam à medida que ela passava, vezes sem conta, como se fosse um jogo:

– Olá! Bem-vinda!

– De onde é?

Uma rajada de ar frio soprou de uma passagem escura, eriçando-lhe os pelos da nuca. Rodopiou, vencida pela estranha sensação de que alguém estava a observá-la, e deu por si de olhos fixos no olhar feroz de Anúbis, o chacal, guardião do mundo dos mortos. Ou melhor, uma escultura de ébano decorada com folha de ouro, exatamente da mesma altura que ela.

Alice estava oculta algures naquele pesadelo... mas onde? Passando uma esquina atrás de outra, sem parar, Liz correu para a esquerda, para a direita, de novo para a esquerda. Parou para respirar e olhou para trás. Não sabia por onde tinha vindo. Tudo lhe parecia igual; as tendas, as ruas estreitas, restos de legumes no chão, os jornais deitados fora. Uma outra esquina levou-a a uma loja cheia de lixo que nunca ninguém queria: velhas bandejas de cobre cheias de verdete, mesas de madeira, estranhas tábuas cheias de letras que não se assemelhavam a nenhuma linguagem. Cachos de candeeiros a petróleo balouçavam das traves do teto. Com séculos de idade. O tipo de candeeiro de onde podia sair um génio se o esfregássemos. Um homem emergiu lento das sombras. Liz olhou para o seu rosto mirrado, as rugas inscritas como hieróglifos. Os olhos cheios de uma luz muito antiga, nos quais ela julgava ver o seu destino escrito. O homem sorriu, revelando uns dentes amarelos e manchados. Ela cerrou os olhos e depois abriu a boca e gritou: – Alice!